

Violência doméstica: um estudo sobre as diferentes abordagens do tema nos telejornais de alcance nacional¹

Ana Luiza Markendorf BERGAMINI²

Dafne Reis Pedroso da SILVA³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar as diferentes abordagens que o telejornalismo brasileiro veiculado na televisão aberta dá à violência doméstica, uma vez que o telejornalismo em suas múltiplas faces segue sendo uma importante ferramenta informativa para a população brasileira. Os conceitos teóricos sob os quais este estudo foi construído são Telejornalismo, Jornalismo Popular, Sensacionalismo, Recepção de Conteúdo, Telespectador, Fonte e Violência Doméstica. O número de reportagens mapeadas evidencia a predominância do sensacionalismo na televisão aberta, uma vez que das 412 reportagens mapeadas, 370 foram exibidas em telejornais com abordagem predominantemente sensacionalista. Quanto às 67 reportagens cujo conteúdo foi analisado, é possível observar que 30 pertencem ao gênero informativo, 29 ao gênero popularesco ou sensacionalista, e que 8 reportagens transitam entre os dois gêneros, com características informativas e sensacionalistas.

Palavras-chave: Telejornalismo; Sensacionalismo; Gênero informativo; Violência doméstica

INTRODUÇÃO

Para Jesus (2020, p. 129) “A violência contra a mulher constitui um problema estrutural que vem sendo divulgado pela mídia televisiva”, ao mesmo tempo que “na grade de programação das emissoras de televisão aberta os telejornais ocupam lugares estratégicos porque constroem a experiência da vida social” (BECKER, 2014, p. 02). Neste sentido, de acordo com o Anuário de Segurança Pública (2020), no primeiro semestre de 2020, o percentual de feminicídios cresceu 1,2%, se comparado ao mesmo período do ano anterior, e as chamadas de emergência feitas à Polícia Militar cresceu 3,8%. Sabendo-se que “a comunicação é uma extensão do indivíduo que busca transformar permanentemente as suas relações na sociedade” (SOUSA,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Estudante recém-graduada no curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, e-mail: analuzambergamini@unochapeco.edu.br.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social, Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária Regional de Chapecó - UNOCHAPECÓ, e-mail: dafnepedroso@unochapeco.edu.br

MEDEIROS, MARTINS, 2019, p. 13066), no que diz respeito à violência doméstica, cabe ressaltar que, para Thurler (2017, p. 32), “a sub-representação e a visibilidade limitada que as mulheres detêm na vida social, na política, na economia estão também na mídia”. Esta pesquisa, então, foi construída tendo como eixo norteador o objetivo geral de analisar as diferentes abordagens sobre a violência doméstica presentes nos telejornais veiculados à televisão aberta brasileira durante o período pandêmico (março de 2020 a junho de 2021).

Para alcance deste, foram definidos os seguintes objetivos específicos: mapear todas as reportagens sobre violência doméstica nos telejornais brasileiros veiculados à tv aberta durante o período pandêmico (março de 2020 a junho de 2021), analisar a estrutura das reportagens que compõem o recorte da pesquisa (tempo, cabeça, off, sonora, passagem, uso de recursos gráficos e nota pé), analisar os enunciadores das reportagens que compõem o recorte da pesquisa (fontes, depoimentos, vozes presentes, vozes ausentes, comentários repórteres e âncoras), identificar as características da abordagem de cada emissora, e identificar semelhanças e diferenças entre as abordagens de cada emissora.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos teóricos sob os quais este estudo foi construído são Telejornalismo, Jornalismo Popular, Sensacionalismo, Recepção de Conteúdo, Telespectador, Fonte e Violência Doméstica.

De acordo com Emerin, Finger e Cavenaghi (2017, p. 03) “há alguns anos o termo telejornalismo tem sido definido como o jornalismo produzido para e pela televisão”. Assim, “o telejornalismo é, então, uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação.” (GOMES, 2007, p. 04).

Neste sentido, cabe ressaltar, mais uma vez, conforme apontado anteriormente, a predileção apontada pelos números de audiência aos telejornais ditos “populares”. Ao que se refere ao (tele)jornalismo popular, este é produzido “Não para noticiar apenas o que aparentemente interessa ao leitor, mas sobretudo para ser simples, didático e utilizar uma linguagem próxima à da população.” (AMARAL, 2006, p. 15). O jornalismo popular, então, é pensado para a parte da população cujos interesses se assemelham aos

da “maioria”. Para Amaral (2008, p. 67), “é nos processos de segmentação dos veículos para as classes C que o entretenimento aparece com mais força”. É possível, então, observar que há mais de um tipo de jornalismo sendo feito no Brasil.

Para Machado e Jacks (2001, p.01), “O jornalismo informativo gênero supostamente “não contaminado” pela opinião, pela valoração e pela ideologia define a si mesmo como imparcial e isento”, enquanto “um fato será notícia na imprensa popular se puder ser narrado de maneira a ficar próximo ao leitor. É a retórica da autenticidade, muito própria dos produtos populares”. (AMARAL, 2006, p. 06).

Ao que parece, o sensacionalismo é um tabu na graduação em jornalismo. Evidência disso é que, ao iniciar este estudo, a pesquisadora viu-se contrariada a trazer programas jornalísticos popularescos à pauta. Para Amaral (2003, p.134) “A prática sensacionalista tanto pode significar o uso de artifícios inaceitáveis para a ética jornalística, como também pode se configurar numa estratégia de comunicabilidade com seus leitores”.

Nesse sentido, “a figura do leitor do mundo, ligada ao público imaginário dos jornais de referência, passa a ser tensionada pela crescente presença do mundo do leitor tratado em sua extrema singularidade quando se tratam de leitores classe C.” (AMARAL, 2010, p. 347).

A recepção de conteúdo passa a ser um eixo determinante na abordagem da notícia, uma vez que é o telespectador recebe e avalia a informação.

Para Emerin, Finger e Cavenaghi (2017, p. 05),

Se cada produção midiática telejornalística é um texto, compreendendo que ele tem marcas discursivas expressas neste texto e que permitem o seu reconhecimento, a centralidade da análise no nível discursivo permite descrever e entender o processo de significação bem como para a que público esta produção se destina.

Em alguns telejornais, mais do que informar, a intenção é trazer o telespectador para “dentro” da notícia. Na abordagem sensacionalista, por exemplo, pouco se difere o telespectador da fonte, uma vez que a fala dos “populares” é comum, por “aproximar o telespectador” daquilo que é noticiado. Nesse sentido, para Amaral (2015, p. 144) “Dependendo dos campos que estão em interação, dos capitais em disputa e da localização de jornalistas e fontes no interior do campo social, a relação fonte e jornalista se modifica”.

Uma vez que há mais de uma abordagem, há também mais de um tipo de fonte para elucidar casos de violência doméstica nos telejornais de alcance nacional. Enquanto “As fontes oficiais, por representarem instituições de poder e exercerem também certo controle e responsabilidade, são as primeiras a serem procuradas pelos jornalistas” (AMARAL, 2002, p. 03), “As fontes populares são apenas lembradas quando ocorre alguma catástrofe, protesto ou acidente que as envolva.” (AMARAL, 2002, p. 03).

Então, quando fala-se em catástrofe, no que diz respeito ao fenômeno social que abarca este estudo, para Lourenço e Carvalho (2001, p. 97), “a violência doméstica é um problema social de dimensão universal que atravessa fronteiras de ordem cultural, econômica, étnica, religiosa ou de gênero, afetando, aos mais diferentes níveis, os indivíduos de um determinado contexto”.

METODOLOGIA

Para que o objetivo geral desta pesquisa fosse alcançado, seu desenvolvimento envolveu extensa pesquisa acadêmica e análise de materiais já existentes, uma vez que trata-se de analisar as diferentes abordagens presentes nos telejornais veiculados à televisão aberta brasileira no período pandêmico.

O primeiro passo para atingir o objetivo geral deste estudo, e cumprir com o primeiro objetivo específico estabelecido, foi mapear todos os telejornais brasileiros veiculados à televisão aberta, para então iniciar o mapeamento das reportagens sobre violência doméstica nos mesmos.

Sendo definidos os telejornais, passou-se então à etapa de mapeamento das reportagens entre os meses de março de 2020 a junho de 2021, cujo conteúdo tratasse de violência doméstica, que estão dispostas, por emissora e por telejornal, na planilha⁴ de análise criada pela pesquisadora. Cabe ressaltar que no mapeamento das reportagens que deu-se através dos repositórios audiovisuais de cada emissora (exclusivos ou não), foram utilizados parâmetros idênticos.

Em virtude do número elevado de reportagens mapeadas, fez-se necessário selecionar um único item desta metodologia que pudesse satisfazer as necessidades

⁴ Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1cb3nTVyzzWiWk17vXDDjuEPSub2OOOyEqitRQdFIj0/edit?usp=sharing>.

primárias do estudo. Logo, a pesquisadora optou por utilizar o item “descrição do material”, valendo-se da estrutura básica dos telejornais para estabelecer itens a serem observados.

A análise dos enunciadores, selecionada na sequência, estabelecida por Beatriz Becker, pede que se observem fontes, depoimentos, vozes presentes, vozes ausentes, e o posicionamento dos âncoras e dos repórteres ante a notícia (se ele existe ou não, e como acontece), a fim de estabelecer de que forma a emissora quer transmitir a mensagem posta na reportagem.

Os enunciadores são, em última instância, a manifestação de pontos de vista a partir dos quais o sujeito reconhece o que pode e deve ser dito por meio das formações ideológicas, reconhece e constrói as formações discursivas. (MACHADO e JACKS, 2001, p. 08)

Por ter o estudo mapeado um número colossal de reportagens (412 reportagens), foi necessário estabelecer um recorte e selecionar um número passível da aplicabilidade dos critérios citados acima. Para Cherques (2009, p. 21) “o critério de saturação é um processo de validação objetiva em pesquisas que adotam métodos, abordam temas e colhem informações em setores e áreas que é impossível ou desnecessário o tratamento probabilístico da amostra”.

Uma vez que há uma linha editorial a ser seguida em cada telejornal, é possível estabelecer parâmetros. Sendo seis o número de reportagens em que é possível identificar os padrões, a pesquisadora optou por selecionar três do início do período de mapeamento, e três no final, a fim de esclarecer se há alguma mudança de narrativa em virtude do agravo do fenômeno na pandemia, ou de qualquer outro aspecto. As 67 reportagens selecionadas para análise estão destacadas na planilha de análise, junto do mapeamento completo.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A primeira etapa exploratória deste estudo mapeou a programação telejornalística das cinco emissoras citadas, e encontrou 19 telejornais a serem examinados. Destes, cinco estão vinculados à Rede Globo, quatro estão na programação do SBT, cinco na Record, um na Rede TV e cinco na Band.

Tendo submetido o material mapeado à aplicação de saturação, foram

selecionadas 67 reportagens para análise. Os telejornais cuja amostra apresentava menos de seis reportagens foram analisados em sua totalidade, e nos demais, cuja amostra tinha mais de seis reportagens (por ser este o número sob o qual é possível identificar padrões, foram selecionadas três reportagens do período inicial do mapeamento, e três reportagens do período final do mapeamento, a fim de identificar se houve alguma alteração no tratamento da informação durante o período pandêmico.

Com o intuito de cumprir o segundo e o terceiro objetivo específico deste estudo, de analisar estrutura e enunciadores das 67 reportagens integrantes do recorte de análise, a pesquisadora disponibilizou esta análise detalhada na planilha. Abaixo segue a análise das abordagens por emissora, cujas conclusões embasaram-se nas análises detalhadas.

Rede Globo

Por se tratar de uma emissora tradicional, e, historicamente a de maior audiência da televisão brasileira, chama atenção a pouca periodicidade com que a Rede Globo traz à pauta o fenômeno social da violência doméstica. Em cerca de 500 dias (março de 2020 a junho de 2021) foram encontradas apenas 11 reportagens em quatro telejornais.

Afora o pequeno número de reportagens, a linha editorial de todos os telejornais da emissora é bastante semelhante. A presença de vítimas não-identificadas é o que usualmente dá o tom à narrativa das reportagens. Seus depoimentos normalmente contextualizam os dados ou os fatos que serão trazidos na sequência de suas falas nas reportagens, e a presença de vítimas identificadas, embora pontual, é bastante marcante, porque evidencia na narrativa a aplicabilidade da lei de proteção às mulheres, uma vez que todas as vítimas identificadas presentes são mulheres que tiveram a solicitação de medida protetiva atendida e respeitada.

É notável que a presença dessas vítimas vem para humanizar a narrativa dada às notícias pelo telejornal, que, embora nunca dê ênfase a casos específicos em suas reportagens, busca trazê-las sempre em lugares de destaque. Fato que contraria Amaral (2002, p. 03), que afirma que “as fontes populares são apenas lembradas quando ocorre alguma catástrofe, protesto ou acidente que as envolva”.

As fontes oficiais que são regra em quase todas as reportagens mapeadas sempre credibilizam os dados numéricos apresentados, ou os depoimentos das fontes populares.

Para Amaral (2002, p. 03), “a procura pelas fontes oficiais passa pelo conceito da representatividade e credibilidade. As fontes oficiais (...) instituições de poder (que) exercerem também certo controle e responsabilidade”.

Para Vizeu (2002, p. 02), “a informação é um bem social, um serviço público”, então, quanto ao destaque que os telejornais da Rede Globo dão às ferramentas a que as mulheres podem recorrer para denunciar, trata-se de responsabilidade social e serviço público desempenhado com maestria pela emissora.

É notável que os telejornais da Rede Globo, em sua totalidade, cumprem com a função social do jornalismo, uma vez que prezam pela informação dada de forma a respeitar os preceitos da verdade - independente da narrativa adotada. - buscando atingir a audiência em sua totalidade, não apenas um determinado grupo social.

SBT

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) não tem uma linha editorial definida em seus telejornais. Não é uma emissora tradicionalmente sensacionalista, como também não preza unicamente pela responsabilidade social e pela função social do jornalismo. Nas abordagens um tanto quanto discrepantes que ocorrem com os telejornais do SBT, o interesse público choca-se com o interesse do público.

Ao que parece, o SBT Brasil opera com duas abordagens completamente distintas (ver apêndice B) na intenção de confrontar o telejornalismo global, cuja abordagem, conforme dito anteriormente, preza pelo cumprimento da função social do jornalismo, valendo-se, sobretudo, da ética jornalística e da “objetividade” como um elemento chave da atividade jornalística”. (VIZEU, 2004, p. 03).

Enquanto o SBT Brasil não tem uma identidade definida e seus critérios de noticiabilidade são confusos e desconexos tanto com o que se entende por "sensacionalismo" quanto com a narrativa de jornalismo “não contaminado”, o Primeiro Impacto apela para a abordagem de “telejornal justiceiro”. Algumas colocações do âncora Marcão “Do Povo” (cujo próprio “nome de guerra” remete a um personagem) evidenciam esse discurso, que refere-se à agressores como “vagabundos, criminosos, monstros”, ou questiona a credibilidade do judiciário brasileiro com colocações como “enquanto as leis forem interpretativas e não punitivas, haverá violência doméstica”.

Enquanto isso, a abordagem do Conexão Repórter difere de todos os outros

telejornais da emissora. A reportagem mapeada do telejornal trata-se da única reportagem presente no corpus de análise que dá voz ao agressor - a montagem da reportagem é quase filmica, transforma agressor e vítima em personagens.

A esse respeito, há de se concordar com Amaral (2005, p. 03),

É preciso considerar que um jornal ou telejornal destinado ao público popular não se utiliza dos mesmos recursos de um jornal tradicional. Afinal, “a construção do discurso informativo parte de mapas culturais” (HALL et al, 1999, p. 226). Cada tipo de publicação se legitima por intermédio do uso maior ou menor dos recursos narrativos, desenhados culturalmente (ALBUQUERQUE, 2000). O discurso informativo pode se inspirar em determinadas formas narrativas e, no segmento popular, formas narrativas com características melodramáticas, grotescas e folhetinescas são mais comuns.

Nessa perspectiva, há de se pensar que os telejornais do SBT são pensados para públicos distintos - por mais que o SBT Brasil fuja à regra do que se entende unicamente por jornalismo “sério”, uma vez que, conforme exposto anteriormente, pode-se dizer que representa ambos os gêneros - a abordagem do Primeiro Impacto é pensada única e exclusivamente como “popularesca”.

No Brasil, a concepção de que o jornalismo é um simples espelho da realidade ainda encontra um grande espaço nas redações e faculdades de Jornalismo. Autores como Luiz Amaral (1987) e Juarez Bahia (1990) definem a atividade jornalística como uma simples técnica, reduzindo-a a uma operação meramente mecânica de meia dúzia de regras como já nos referimos anteriormente. (VIZEU, 2004, p. 02)

Mas, se para Amaral (2005, p. 67), “o jornalismo separa e distingue não apenas públicos e produtos, mas tem o poder de determinar quem deve saber o quê sobre as ocorrências diárias no mundo”, então, o jornalismo não age como um espelho, mas como uma construção da realidade.

A partir do exposto, é possível concluir que não há uma abordagem jornalística definida adotada pelos telejornais do SBT, uma vez que ora buscam ater-se aos fatos sem “melodramatizar”, ora usam de artifícios de espetacularização, transformando a notícia em uma espécie de “show”. Fica evidente, apenas, que na abordagem adotada pela emissora não há uma separação contundente entre o que é jornalismo e o que é entretenimento.

Rede Record

Desde o ano de 2019, a Rede Record de televisão tomou a dianteira da audiência do SBT, anteriormente vice-líder invicto. Em junho de 2021, os dados da emissora divulgados pela Kantar Ibope Media apontaram um crescimento de 4,6 para 11,9 pontos de audiência média anual, fenômeno que, conforme dito anteriormente, foi atribuído ao telejornalismo da emissora, que tem como carros-chefe o Cidade Alerta e o Balanço Geral, conhecidos nacionalmente por sua abordagem sensacionalista.

Nos cinco telejornais da emissora, foram encontradas 322 reportagens - trata-se, sem sombra de dúvida, da emissora que mais traz o fenômeno social da violência doméstica à pauta. Há, entretanto, contradições acerca das abordagens. Após aplicação de saturação, 26 reportagens dos cinco telejornais foram analisadas.

Das 322 reportagens mapeadas, 263 foram exibidas no Cidade Alerta, que existe desde meados da década de 90, quando os investimentos na Rede Record ainda eram “tímidos”, e a emissora apostou na abordagem policialesca, que mais tarde tornou-se popularesca, para vir a ser, atualmente, a imagem do sensacionalismo no Brasil.

Nesse sentido, cabe trazer o posicionamento de Amaral (2006, p. 2-3) em relação ao jornalismo impresso, que aqui pode ser aplicado ao telejornalismo,

O aumento das tiragens se sobrepõe muitas vezes à função de papel social da imprensa e, portanto, o suposto “interesse do leitor” fica acima do interesse público. Por terem que se aproximar de uma camada de público com baixo poder aquisitivo e pouco hábito de leitura, frequentemente deixam o jornalismo de lado para simplesmente agradarem ao leitor, em vez de buscarem novos padrões de jornalismo que reforcem os compromissos sociais do jornalismo com a população de renda mais baixa.

Uma vez que, para Vizeu (2002) “Em primeiro lugar, a notícia de jornal e a de televisão são semelhantes ao serem variedades de jornalismo, o que significa que ambas consistem num relato atual de acontecimentos atuais”.

Os telejornais Balanço Geral Manhã e Balanço Geral também investem na abordagem sensacionalista, embora o número de casos noticiados no período mapeado seja menor do que o número de casos exibidos no Cidade Alerta. Chama a atenção o fato de que existem *playlists* nos canais do Youtube destes telejornais cujo conteúdo é exclusivamente relacionado à violência doméstica.

Nesse sentido, “o conceito de entretenimento está intimamente vinculado ao da sensação e da emoção. É freqüente que temáticas do entretenimento virem notícias. Mas

o entretenimento no jornal não gera somente prazer; provoca, sobretudo, sensação.” (AMARAL, 2006, p. 05)

A Rede Record é que mais enfatiza a presença de fontes primárias em seus telejornais, especialmente nos de abordagem sensacionalista, no intuito de, ao que parece, transportar o telespectador dentro do fato noticiado, uma vez que “personificar” a situação transmite a sensação de proximidade àquele que está assistindo. “Se no jornalismo de referência o cidadão comum está numa zona de sombra, neste tipo de jornalismo popular ele se destaca.” (AMARAL, 2002, p. 05)

Nesse sentido, há um contraponto considerável, no que tange à relevância social, entre o número de reportagens transmitidas sobre violência doméstica na Rede Record, uma vez que das 322 reportagens mapeadas, 305 pertencem aos telejornais de abordagem predominantemente sensacionalistas Balanço Geral Manhã, Balanço Geral e Cidade Alerta, cujas fontes são preponderantemente primárias, e, de acordo Amaral (2005, p. 05) “o enquadramento da sua fala faz com que a notícia se torne um diário pessoal, cuja relevância social se evapora.”

Band

A Rede Bandeirantes tem cinco telejornais em sua grade de programação, mas, contrariando as expectativas, foram encontradas poucas reportagens cujo tema fosse violência doméstica. A emissora exibiu apenas 32 reportagens no período de mapeamento do estudo, e dessas, 24 reportagens foram exibidas no Brasil Urgente, cuja abordagem é, do mesmo modo que no Balanço Geral e no Cidade Alerta, abertamente sensacionalista.

Os demais telejornais da emissora, 1º Jornal, Bora Brasil, Jornal da Band e Band Notícias têm abordagens bastante singulares no que diz respeito à cobertura de casos de violência doméstica. Enquanto o 1º Jornal opta por uma entrevista com uma fonte oficial, o Bora Brasil opta por um ao vivo, que ora beira o sensacionalismo em virtude do posicionamento do âncora que se refere aos agressores como “crápulas”, ora cumpre a função social, uma vez que traz dados acerca de uma operação policial cujo intuito é autuar agressores.

O Jornal da Band e o Band Notícias são os telejornais a que melhor se adequa o “lugar” de cumprimento da função social da profissão, uma vez que as reportagens

exibidas referem-se ao aumento de números da pandemia, a casos que envolvam autoridades, ou ao reforço na necessidade de combate ao fenômeno social através de ferramentas online.

Cabe reforçar o posicionamento de Vizeu (2002), de que “a mídia não é mais só o espaço de reprodução do real, mas, mais do que isso, o “lugar” a quem o próprio real se remete para apontar o processo de suas próprias produção e legitimação”.

Rede TV!

A Rede TV! é a emissora que, de acordo com o número de reportagens mapeadas, menos dá ênfase ao fenômeno da violência doméstica. Foram encontradas 5 reportagens em dois telejornais, o RedeTV! News e o Operação de Risco.

No Rede TV! News, cuja única reportagem mapeada refere-se ao crescimento das estatística durante a pandemia a abordagem tem a intenção de informar quanto aos dados e reforçar a necessidade de combate ao fenômeno, é observável, no depoimento da vítima não identificada que conduz a narrativa, que “A fala das pessoas comuns no jornalismo pode assumir vários sentidos e ser pertinente para, por exemplo, viabilizar o exercício da cidadania de setores excluídos ou a humanizar as notícias e reportagens.” (AMARAL, 2006, p. 08).

O Operação de Risco tem uma abordagem diferente dos demais telejornais sensacionalistas, uma vez que quem conduz as reportagens são policiais em atuação.

Semelhanças e diferenças entre as emissoras

Presumidamente, dado o exposto no apêndice A deste estudo, os telejornais com abordagem sensacionalista dão muito mais ênfase ao fenômeno social da violência doméstica, uma vez que, das 412 reportagens mapeadas, 370 são exibidas em programas predominantemente sensacionalistas.

Quanto às emissoras, fazendo um apanhado geral da cobertura dada a casos de violência doméstica cabe recordar Vizeu (2004, p. 03),

De uma maneira geral, sem a preocupação de aprofundarmos o tema, podemos resumir as definições de jornalismo e notícia a partir de dois grandes grupos. De um lado, temos os que defendem a notícia como um espelho da realidade; de outro, aqueles que concebem a notícia como uma construção da realidade.

A análise das 67 reportagens, entretanto, encontrou um terceiro grupo (ver apêndice B), em que uma mesma reportagem transita entre gênero informativo e o gênero sensacionalista, como é o caso do Bora Brasil, na Band, cujo comportamento do âncora, que adjetiva os agressores como “crápulas” ou “bandidos”, conflita com a função social do jornalismo prestada a partir dos dados oficiais noticiados no ao vivo pela repórter, que noticia uma operação em curso no Rio de Janeiro cujo intuito é autuar homens denunciados por violência doméstica.

Semelhante a esta abordagem, o Balanço Geral Manhã também exibiu uma reportagem sobre o aumento no número de ocorrências durante o período pandêmico, contextualizando a informação com dados e fontes oficiais, o que contrapõe a postura do âncora, que, conforme exposto anteriormente, apresenta o telejornal tal qual um *showman*.

Esta terceira abordagem que reúne informação e sensacionalismo pode ser explicada por Amaral (2006, p. 02)

Os jornais populares cresceram, mudaram e o chavão sensacionalista já não esclarece suas estratégias (...) integram um novo mercado a ser analisado, caracterizado por um público que não quer apenas histórias incríveis e inverossímeis, mas compra jornais em busca também de prestação de serviço e entretenimento.

Nos telejornais cuja abordagem preza pela ética jornalística e pela função social do jornalismo, é possível observar a preocupação com a informação a respeito do aumento no número de casos de feminicídio e violência doméstica, onde há a utilização de fontes oficiais, e a preocupação com a dignidade das vítimas, uma vez que, quando identificadas, são mulheres que saíram de situações de vulnerabilidade para ascender em suas vidas pessoais e profissionais.

Nesse sentido, para Thurler (2017, p. 08) , “a mídia tornou-se espaço de produção de reconhecimento que contribui para reafirmar ou contestar as estratificações movendo a vida social”. É possível verificar, então, que nos telejornais em que há informações acerca do aumento das estatísticas na pandemia, há o intuito de, mais do que informar, fortalecer a necessidade de combate a violência doméstica. Essa afirmação parte da característica comum entre a grande maioria das reportagens informativas, que é a de divulgar canais de denúncia e formas de denunciar.

Este posicionamento contraria a afirmação trazida por Machado e Jacks (2001, p.01) “O jornalismo informativo gênero supostamente “não contaminado” pela opinião, pela valoração e pela ideologia define a si mesmo como imparcial e isento”, e reforça a ideia de Thurler (2017, p. 01), de que “a mídia não paira isenta, acima da sociedade.”

Em contrapartida, no que diz respeito ao telejornalismo sensacionalista, cujas reportagens mapeadas são maioria, “ocorre a intensa visibilidade da fala dos populares e o desprezo pelas fontes públicas, oficiais ou especializadas”. (AMARAL, 2006, p. 08)

No que diz respeito ao número de reportagens, o telejornalismo sensacionalista da televisão aberta brasileira aborda o tema da violência doméstica com mais periodicidade, mas, “no jornalismo de referência o cidadão comum está numa zona de sombra, neste tipo de jornalismo popular ele se destaca, mas o enquadramento da sua fala faz com que a notícia se torne um diário pessoal, cuja relevância social se evapora.” (AMARAL, 2002, p. 05)

Enquanto o intuito da abordagem informativa é trazer luz à dados estatísticos que credibilizem as informações,, na abordagem sensacionalista “uma informação tem muito mais probabilidade de ser notícia se tiver impacto na vida de uma pessoa comum ou puder ser comentada por alguém do povo” (AMARAL, 2006, p. 06).

Assim, cabe afirmar que, conforme Vizeu (2004, p. 07), esta dualidade “é o que explica o apelo intenso e universal ao jornalismo, e também a extraordinária dificuldade com que o jornalismo se depara para conseguir um relato dos acontecimentos que a experiência e a crítica afirmem ser coerente, equilibrado e fidedigno”.

Nesse sentido, a ideia de equilíbrio a que se refere Vizeu (2004, p. 04), “é preciso que exista um equilíbrio entre formação, informação e recreação; a comunicação social deve permitir um ambiente propício para a construção de uma pessoa humana consciente e crítica”, parece equivocada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da afirmativa que embasou a importância deste estudo, de que a violência doméstica é um fenômeno social emergente cujo fomento por debates é fundamental para a manutenção da pauta, foi possível perceber que há inúmeras nuances no modo como a informação acerca da violência doméstica é tratada.

Alcançar os objetivos específicos que culminaram no alcance do objetivo geral

estabelecido foi, na mesma medida, custoso, gratificante e surpreendente. Foi possível perceber o telejornalismo enquanto gênero informativo como uma importante ferramenta de conscientização quanto ao fenômeno social, como também foi possível observar um cenário preocupante no que diz respeito à abordagem sensacionalista da pauta, que dá uma enorme ênfase à violência doméstica em sua programação, mas não preocupa-se com a aplicação da função social do jornalismo.

Assim, então, a predileção da audiência brasileira pela abordagem sensacionalista parece-me, enquanto mulher, jornalista e pesquisadora, preocupante, uma vez que a intenção do sensacionalismo não parece ser informar ou conscientizar quanto ao fenômeno social, mas apenas angariar audiência. No que tange a abordagem sensacionalista da pauta, parece-me que a corrida pela audiência faz-se perder o cerne da questão quanto a importância do debate do fenômeno social em televisão aberta.

Nesse sentido, enquanto jornalista em formação e pesquisadora, percebo que pouco fala-se a respeito da forma como os jornalistas em exercício devem abordar um tema tão complexo, delicado e importante como a violência doméstica, e, conforme provou o estudo, há inúmeras abordagens diferentes para o tema na televisão brasileira, que é, ainda, a principal ferramenta informacional da maioria dos cidadãos. Entendo, então, que caberia, instigar mais e mais estudos acerca do modo como os jornalistas tratam as informações em relação a um tema tão socialmente relevante.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Fontes jornalísticas: o Lugar de Fala do cidadão..** Salvador: Intercom, 2002. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8121a0473dfc7d5de75c22a247e5a614.pdf>>.
Acesso em: 20 mai 2021.

AMARAL, Márcia Franz. **Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?.** Brasília: Intercom, 2006. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63557889706955819390718237293726753880.pdf>>. Acesso em: 20 mai 2021.

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de Fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. In: Histórias e Teorias do Jornalismo. **Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação**. Contracampo. 2005. Disponível:
<<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17388/11025>>. Acesso em 20 mai 2021

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005. Disponível: <<https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/4212/4464>>. Acesso em 13 mai 2021.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003. Disponível: <https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=1fB27ssAAAAJ&citation_for_view=1fB27ssAAAAJ:r0BpntZqJG4C>. Acesso em 20 mai 2021.

ANUÁRIO Brasileiro de Segurança Pública. Ano 14. 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>>. Acesso em 01 de abr. de 2021.

BECKER, B. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. **E-Compós**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2014. DOI: 10.30962/ec.1072. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1072>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

EMERIN, C.; FINGER, C.; CAVENAGHI, B. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. **Sessões do Imaginário**. Porto Alegre. Volume 22 - nº 37 - 2017 - pp. 02-09. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073>>. Acesso em 10 mai. 2021.

JESUS, Rosilene. A violência contra a mulher na mídia televisiva brasileira: uma expressão da questão social. **Entropia**, Rio de Janeiro, vol. 4 , nº 7, Janeiro/Junho, 2020. Disponível em: <<http://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/155/145>>. Acesso em 04 abr. 2021.

KANTAR Ibope Média. **Inside TV**. 2020. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-tv/>>. Acesso em 03 de abr. de 2021.

LOURENÇO, N; CARVALHO, M. J. L. Violência doméstica: conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência. **Revista da Faculdade de Direito da UNI**, ano II, nº 3, 2001. Disponível em <https://repositoriocientifico.uatlantica.pt/bitstream/10884/407/1/2001_THEMIS.pdf>. Acesso em 10 jun 2021.

MACHADO, M. B.; JACKS, N. O Discurso Jornalístico. **E-Compós**, 2001.

RENÓ, Julia. Jornalismo impulsiona audiência da Record TV em todo o país. **Portal Comunique-se**. 2021. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/record-tv-aumenta-audiencia-local-12-pracas/>>.



Acesso em 28 set. 2021.

SOUSA, J. C.; MEDEIROS, M. L.; MARTINS, C. H. Atuação da mídia e de políticas afirmativas do estado no enfrentamento à violência doméstica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 8, p. 13064-13078, 2019. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/2892/2986>>. Acesso em 01 de abr. 2021.

THURLER, Ana Liési. Femicídios na mídia e desumanização das mulheres. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 465-496, 1 out. 2017. Disponível em <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4249>>. Acesso em 01 de abr. 2021.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.html>>. Acesso em 10 mai. 2021.